

NA TERRA DOS DÁLMATAS: UM MAPEAMENTO AFETIVO DOS BAIRROS DO BELENZINHO E DA MOOCA

Katia Gavranich Camargo¹

*“Acredito que a memória tem a força da gravidade, sempre nos atrai.
Aqueles que a possuem são capazes de viver o frágil tempo presente. Aqueles que não têm não vivem em nenhuma parte”*

Patricio Guzmán, Nostalgia da Luz

RESUMO

O presente trabalho visa resgatar a identidade cultural dos imigrantes croata-dálmatas, dos anos 1920, por meio do mapeamento afetivo do território que habitavam, os bairros paulistanos do Belenzinho e da Mooca.

Com isso, pretende-se estudar a dinâmica da cidade, sob o olhar de uma comunidade numerosa e importante para São Paulo, cuja história permanece desconhecida.

Palavras-chave: memória, croatas, imigração, Belenzinho, Mooca

ABSTRACT

The present work aims at recovering the cultural identity of Croatian-Dalmatian immigrants, from the 20's of the last century, through the affective mapping of the territory they inhabited, the neighborhoods of Belenzinho and Mooca. With this, we intend to study the dynamics of the city, under the watchful eye of a large and important community for São Paulo, whose history remains unknown.

Keywords: memory, Croats, immigration, Belenzinho, Mooca

¹ Katia Gavranich Camargo, Nutricionista formada pela Faculdade de Saúde Pública Universidade de São Paulo, Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina e produtora cultural formada pelo Curso de Gestão Cultural do Sesc – SP. katia.camargo19@gmail.com

A proposta desta deste mapeamento afetivo originou-se nas vivências da autora do artigo como descendente direta de dálmatas. A autora coletou diversos depoimentos de imigrantes e descendentes em áudio e vídeo que evidenciaram alguns locais dos bairros da Mooca e do Belenzinho que fizeram parte da história desses imigrantes. Muito da paisagem afetiva já não existe mais tal e qual foi narrada e as lembranças dos espaços estão ficando cada vez mais esparsas, perdidas nas memórias dos poucos sobreviventes daquelas épocas. Onde antes existia um campo de futebol, no qual jogava o time da comunidade, hoje estão condomínios de classe média. O córrego onde crianças, em sua maioria filhos de imigrantes, brincavam foi canalizado e transformado em avenida. O antigo hipódromo da cidade, transformado em parque. Muitas fábricas fecharam e tiveram seus prédios inteiramente ressignificados, como por exemplo, o antigo Moinho Santista, onde hoje está o SESC Belenzinho. Enfim, através de entrevistas foi possível resgatar a história dos bairros do ponto de vista da comunidade croata-dálmata - conhecer como viviam, trabalhavam, se reuniam e se divertiam - e observar as mudanças sociais e econômicas pelas quais esses bairros passaram.

Para entender um pouco mais da história da ocupação desses bairros pelos imigrantes dálmatas, voltemos um pouco no tempo, mais precisamente para a década de 1920. Imigrantes originários de diversas regiões da Croácia, entre elas a Dalmácia, começaram a chegar ao Brasil em fins do século XIX, compelidos por várias crises econômicas que culminaram na Primeira Grande Guerra. Naquela época, a Croácia fazia parte do império austro-húngaro, que foi desmembrado após a guerra, dando origem ao que se chamou de “A Primeira Iugoslávia”, formada pelo reino dos sérvios, croatas e eslovenos. Por essa razão, não temos no Brasil nenhum registro da chegada de croatas até o final do século XX, muito menos de dálmatas. Eles eram registrados como iugoslavos, austríacos, húngaros ou até mesmo italianos, dependendo de sua região de origem (PUH, 2016).

Ainda hoje é difícil quantificar, de maneira precisa, o número de croatas e descendentes de croatas existentes no Brasil. Estima-se que, entre croatas e seus descendentes, esse número seja superior a 45.000, considerando os dois momentos mais significativos da diáspora croata para o Brasil, a primeira na década de 1920, e a segunda, após 1945.

O mapeamento afetivo dos dálmatas propõe o estudo das relações da primeira diáspora croata com o território no qual se fixaram, os bairros do Belenzinho e da Mooca, com a finalidade de resgatar a identidade cultural desse grupo tão específico e permitir uma reflexão sobre a dinâmica das cidades e de sua população.

Nossa história começa nos anos de 1924 a 1926, quando a maior e mais concentrada onda migratória, saída das aldeias de Blato e Vela Luka, chegou ao Brasil. Essas aldeias ficam na ilha de Korčula, extremo sul da Croácia. Essa região denominada Dalmácia, fez parte de vários impérios e países ao longo de sua história, desde os tempos dos Ilírios, cerca de 1000 anos a.C até os dias de hoje. Os habitantes dessa região, que se intitulam dálmatas, possuem uma identidade cultural própria, mesmo vivendo na atual Croácia. Como a imigração referida neste trabalho é concentrada em duas aldeias da Dalmácia, doravante chamaremos esses imigrantes de dálmatas ou de croatas-dálmatas.

Os dálmatas imigraram para várias regiões do planeta, como Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Estados Unidos, Argentina, Chile, Uruguai, Bolívia e Brasil impelidos por razões econômicas. A principal delas gerada pela crise econômica decorrente da Primeira Grande Guerra e outra devido à infestação de um parasita nas videiras, a filoxera, que durante quase meio século destruiu as plantações de uva no mundo todo. Essa praga devastou a economia da pequena ilha de Korčula, forçando seus habitantes a procurarem melhores condições de vida em outros países (DORO, 1985).

Justamente naquele período, o Brasil introduzia uma nova política migratória, para consolidar a substituição da mão de obra escrava e povoar o interior do país, promovendo, em 1924, uma campanha intensa para a imigração sistemática de europeus e japoneses. Segundo um folheto, poderia emigrar para o Brasil toda família que tivesse minimamente três membros, nenhum com mais de cinquenta anos de idade. (TALAN, 1998)

Contudo, os emigrantes foram, em geral, ludibriados por emissários do governo brasileiro associados a vários Lloyds europeus, que faziam vasta propaganda através de folhetos, estimulando os interessados a virem para o Brasil trabalhar em cafezais no Estado de São Paulo e, em pouco tempo, como as terras brasileiras eram muito mais férteis do que as terras croatas, teriam suas próprias fazendas e nunca mais passariam por dificuldades novamente.

Esses folhetos distribuídos nas pequenas comunidades, juntando-se ao relato de sucesso dos poucos imigrantes que tinham retornado da “América”, despertaram grande interesse na população. Assim, somente da ilha de Korčula, centenas de famílias, cerca de 300, alistaram-se para a emigração. (TALAN, 1998)

A partida dessas famílias, sempre muito dolorosa, respeitava um ritual afetivo descrito por Ivo Šišević, no artigo “*Kako su naši isljenici putovali u Ameriku*” (Como os nossos emigrantes viajavam para a América).

As despedidas antes da partida para o estrangeiro, ultramarino eram muito comoventes. Aquele que iria para o “mundo” visitava as casas dos vizinhos, e segundo o nosso antigo costume, despedia-se de todos. Na véspera da partida, as pessoas da casa preparavam o jantar chamado ‘pir’... No dia seguinte, quando da saída do vapor, toda a aldeia se reunia para se despedir. Dolorosas eram essas despedidas. [Os emigrantes] despediam-se sobretudo dolorosamente das suas mães, pais e namoradas. Debulhavam-se em lágrimas. Enquanto o vapor ia se afastando do cais, agitavam lenços brancos, cumprimentando assim [os emigrantes]. [Essas cenas eram acompanhadas] pelo canto e choro, pelas chamadas dos parentes e cidadãos lá presentes. No momento em que o vapor começava a tomar rumo, a sereia do navio costumava a apitar 3 vezes em sinal de cumprimento e os emigrantes subiam ao cimo da popa, mandando os seus últimos cumprimentos (TALAN apud ŠIŠEVIĆ 1998 p. 234).

O registro dos traumas causados por essa viagem está na epopeia descrita por Ivan Dragojevic Boško, “*Odlazak u Brazilj Lučana i Blačana*” (A partida dos habitantes de Vela Luka e de Blato para o Brasil). Trata-se de um poema, composto por 130 estrofes, que descreve pormenorizadamente o curso da viagem, até a instalação das famílias nas fazendas cafeicultoras e sua posterior fuga para a cidade de São Paulo. Esse documento encontra-se hoje no Arquivo do Estado de São Paulo (TALAN, 1998).

Segundo a historiadora Norma Marinovic Doro (1987), a epopeia foi escrita pelo senhor Dragojevic, passada oralmente de fazenda para fazenda (os imigrantes cantavam seus versos enquanto trabalhavam na lavoura) e copiada nos chamados “Cadernos de Fazenda”, onde os imigrantes faziam a contabilidade (sempre negativa) de suas compras na venda do dono da fazenda.

Acredita-se que mesmo espalhados pelo interior do Estado, os imigrantes mantinham intensa troca de correspondências através das ferrovias que passavam pelas cidades das fazendas de café.

Os poemas de Dragojevic podem ser considerados um arquivo histórico precioso e detalhado de como se deu a imigração croata-dálmata no Brasil. Neles foi depositada a memória coletiva dos emigrantes de Korčula.

Em muitos relatos dos imigrantes, estão frequentemente presentes a tristeza e a decepção: não encontraram nas fazendas nada do que esperavam. Não havia casas para acomodar as famílias, apenas choupanas ou antigas senzalas. O trabalho na colheita do café era árduo e o pouco que recebiam a cada mês ficava para o armazém, de propriedade do dono da fazenda, o que tornava o regime de colonato, na verdade, um regime de semiescravidão (DORO, 1987).

Outro relato importante é do senhor Gabriel Santilli, em carta endereçada a sua neta, em 1979:

Ficamos na Imigração na rua Visconde de Parnaíba, 24, para no dia seguinte irmos pra fazenda de trem...eu moço de 15 anos...Corri depressa, como na guerra. Para todos tinha lugar no trem, menos para mim e minha família, então, entramos no trem vazio, no lugar dos bois...o trem viajou 12 horas sem parar. Chegamos na fazenda Canana, me lembro bem. Era hora da janta, jantemo bem é verdade. Na hora do descanso, cada família com seus filho, escute bem, foram para uma casa grande e no chão bastante capim seco. Tudus juntos mesmo como boiada (SANTILLI, 1979).

A maioria dos imigrantes ficou, em média, de 4 a 5 anos nas fazendas de café. Os que não suportaram fugiram para a capital, em busca de trabalho digno e melhores condições de vida. Não há registro da permanência de nenhum imigrante nas fazendas após a crise do café, em 1929. Todos vieram para São Paulo, instalando-se em cortiços nos bairros fabris da Mooca e do Belenzinho, onde operavam indústrias têxteis e de tabaco. Desse modo, acabaram por reconstruir, geograficamente, as antigas aldeias de origem. Ruas inteiras eram ocupadas por croatas-dálmatas de Blato e de Vela Luka, na época conhecidos como “iugoslavos” ou “bichos-d’água”, esta última, uma denominação pejorativa com que os locais se referiam aos imigrantes vindos do leste europeu, que atravessaram mares e falavam idiomas estranhos e incompreensíveis (TALAN, 1998).

Chegando a São Paulo, muitos deles tinham pouca ou nenhuma especialização, mesmo sendo a maioria alfabetizada. Eles eram de origem camponesa e tiveram que se adaptar à vida dura do início da industrialização, em São Paulo. Trabalhavam cerca de 12 horas por dia, homens, mulheres e crianças (estas a partir de 6 anos de idade). Por terem mãos pequenas e delicadas, as crianças eram destinadas a trabalhos mais leves, porém, não menos extenuantes. Por exemplo, empacotamento de cigarros na antiga indústria de tabaco Sudan.

As indústrias que concentravam um maior número de dálmatas eram Cotonifício Crespi, Lanifício Fileppo, Indústrias Matarazzo, Moinho Santista, Indústria Têxtil Gasparian e Café Seletto. Hoje, os prédios dessas indústrias deram lugar a outras atividades. Por exemplo: o Cotonifício Crespi, foi transformado em supermercado, mas sua fachada, ao estilo das indústrias da década de 1940, foi preservada. O edifício do café Seletto tornou-se recentemente uma grande central de telemarketing, e o prédio das Indústrias Gasparian foi reformado para abrigar uma grande universidade privada. O antigo prédio do Moinho Santista, reformado, abriga hoje a sede regional do SESC São Paulo e o SESC Belenzinho.

Naqueles bairros da antiga periferia leste da cidade deu-se um verdadeiro reencontro entre famílias dálmatas até então distribuídas pelas diversas fazendas na zona rural do Estado e, naturalmente, o

reestabelecimento de suas relações sociais vivenciadas em suas aldeias dálmatas de origem: Blato e Vela Luka (DORO, 1987).

Uma “aldeia dálmata” em São Paulo se formou em torno de suas instituições centrais: o trabalho (nas tecelagens e na construção civil), as duas igrejas católicas (a de São Paulo Apóstolo e a de São José do Belém) e o cemitério (da Quarta Parada). Nessa “aldeia”, vizinhos dálmatas cultivavam a sua identidade cultural sem alarde, através do idioma (o dialeto falado na ilha de Korčula), da gastronomia, da música, da dança folclórica e do canto nas ruas pelas festas religiosas (Páscoa e Natal).

Nos anos 30 e 40, o bairro do Belém podia ser considerado um bairro croata-dálmata, tamanha a presença desses imigrantes, reunidos em até três associações locais. Destaco a existência no bairro, naquela ocasião, do Esporte Clube Dalmácia, de blocos de carnaval formados apenas por jovens da comunidade e a criação de grupos de danças folclóricas, de um coral e de um conjunto musical típico de cordas. Como se vê, ajuntamentos próprios de primeiras gerações de imigrantes, fadados a desaparecer com o tempo, quando netos e bisnetos, já personagens de uma nova cultura local, não se sentirão diante da terra estranha que os avós e bisavós toparam um dia pela frente (CAMARGO, 2014, p. 23).

Mas, como representavam um corpo culturalmente estranho em um espaço em que conviviam migrantes italianos, portugueses e espanhóis, trataram de se comunicar com esses grupos na única língua que dominavam além do croata-dálmata: o italiano, advindo da proximidade da Croácia com a Itália e das diversas dominações de seus países de origem por romanos e vênetsos. Essa identificação com os italianos praticamente diluiu suas marcas naqueles bairros em que os italianos predominavam. (DORO, 1987).

Esse comportamento de reagrupamento e a proximidade com a comunidade italiana explica-se no fato de que as comunidades de uma diáspora ou imigração tenderiam a manter ligação com outros grupos que invocam identidade semelhante. Esse vínculo pode vir em diferentes formas, como por meio de suas famílias, comunidades religiosas, laços sócio-políticos e econômicos ou a memória compartilhada de uma catástrofe ou trauma sofrido pelos membros da diáspora ou por seus antepassados (BRUNEU, 2010).

Em seu processo de absorção gradual da identidade cultural brasileira, os imigrantes dálmatas chegaram a criar um clube de futebol, o Esporte Clube Dalmácia, e alguns blocos de carnaval.

De lá para cá, restaram como sinais indiscutíveis da forte presença dálmata naqueles bairros a Sociedade Amigos da Dalmácia (ex-Sociedade Amigos da Iugoslávia) - que mantém ainda hoje contatos frequentes

com famílias em Blato e Vela Luka - o culto anual a uma santa católica da Dalmácia, Santa Vicença, na Igreja de São Paulo Apóstolo, e algumas centenas de túmulos na área central do Cemitério da Quarta Parada, curiosamente, ponto de passagem de turistas de origem dálmata que visitam São Paulo atualmente.

Ainda hoje, os sobreviventes daquela época e seus descendentes frequentam a associação cultural, que em 1992, com a dissolução da antiga Iugoslávia e proclamação da Independência da Croácia, passou a se chamar Sociedade Amigos da Dalmácia. Lá realizam eventos relativos à cultura croata, mantêm o Grupo Folclórico Jadran e cursos sobre o idioma croata. A Associação dispõe de um acervo significativo de livros, discos de vinil, DVDs e filmes em película, relativos à Croácia atual e à época da antiga Iugoslávia.

Retomando a história dos dálmatas, que remonta há mais de três mil anos, temos que a Dalmácia foi habitada e dominada por dezenas de povos. Desde os Ilírios até os atuais croatas, estiveram lá gregos, romanos, vênets, turcos, húngaros, austríacos, italianos até franceses. A identidade cultural dos habitantes dessa região, portanto, é multifacetada e por uma questão de sobrevivência, permeável a influências externas. Eles conseguiram sobreviver a muitas mudanças mantendo o espírito coletivo e permanecendo discretos em suas manifestações culturais. Talvez por isso, não tenham deixado marcas culturalmente significativas nos bairros que habitaram aqui no Brasil.

A construção de diversos vínculos com o espaço urbano e a história das pessoas é o que torna a cidade viva e pulsante. Dessa forma, a intenção é devolver à cidade que os acolheu um pedaço desconhecido de sua própria história.

Assim como outras metrópoles, São Paulo vive desafios na preservação de seu espaço e de seu patrimônio cultural. A velocidade com que a paisagem da cidade muda entra em conflito com o tempo histórico dando lugar a fábricas desativadas e casarões antigos abandonados, além de antigos monumentos que caem no esquecimento e abandono.

Um mapa afetivo pode ser uma nova forma de engajamento da população no que diz respeito à história da cidade. Ele visa a estimular iniciativas de preservação de bens paulistanos por pequenos grupos que conseguem mobilizar pessoas ou grupos em prol de uma causa comum. O mapeamento afetivo deste trabalho visa revelar a ocupação, em um determinado momento, por um numeroso e desconhecido grupo de imigrantes de duas aldeias vizinhas, localizadas em uma ilha da longínqua Dalmácia, região costeira da Croácia. A causa em questão é tornar visível um grupo que chegou nos anos 1920 diretamente para as fazendas

paulistas de café e, depois foi deslocado para as indústrias têxteis, nos bairros da Mooca e do Belenzinho, no começo da industrialização da cidade de São Paulo.

De 1930 até os dias de hoje, esses bairros sofreram várias transformações. De grandes fábricas e vilas de operários a gentrificação provocada pelos grandes empreendimentos imobiliários. Quais marcas essas mudanças produziram nas comunidades imigrantes e em seu entorno?

Uma das possibilidades para investigar as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas por meio de vestígios de outros tempos é a criação de lugares de integração, onde as diversas memórias se cruzam e entrecruzam.

Segundo Lewgoy (1997), os trajetos e circuitos surgem como ferramentas de reflexão e pesquisa para dar conta das múltiplas apropriações diferenciais do espaço urbano, em que os lugares e caminhos da cidade só fazem sentido se referidos a práticas culturais específicas dos grupos, como o lazer e a religião. Afinal as sociabilidades não brotam do vazio, mas surgem em espaços já enraizados na memória da cidade.

Naquela época, os imigrantes mantiveram contato entre si, mesmo estando distribuídos pelas fazendas de café do interior do Estado de São Paulo. Quando os primeiros imigrantes começaram a fugir das fazendas, devido às precárias condições de vida, logo se instalaram próximos das indústrias têxteis que estavam emergindo.

Através de várias entrevistas gravadas com os descendentes mais velhos da comunidade e até mesmo dos antigos imigrantes, de documentos e de fotos foi possível traçar esse mapa afetivo que tem início na Antiga Hospedaria dos Imigrantes, que hoje abriga o Museu da Imigração, localizado na Rua Visconde de Parnaíba. O acervo permanente e a própria arquitetura do local remetem ao período das grandes imigrações, exatamente a época da imigração croata-dálmata e de muitas outras comunidades de imigrantes europeus e da Ásia. Ali podemos encontrar relatos, objetos, documentos, fotos e mobiliário de época que suscitam recordações das histórias contadas pelos imigrantes a seus filhos e netos, conforme apurado em seus relatos.

A área das antigas indústrias têxteis da Mooca, passando pelas ruas do Hipódromo e dos Trilhos e início da Avenida Paes de Barros, comporta o conjunto arquitetônico original do Lanifício Crespi, no qual trabalharam muitos dálmatas, hoje transformado em uma grande rede de supermercados.

As ruas Taquari, Serra da Bocaina, Tobias Barreto e Padre Adelino, bem como suas transversais concentravam o que podemos chamar de “pequenas Blato e Vela Luka”, pois ali estavam as residências da maioria dos imigrantes dálmatas. Hoje, essa área está quase inteiramente modificada

por edifícios residenciais e condomínios de classe média, além de três universidades particulares: Universidade São Judas Tadeu, UNINOVE e Universidade Anhanguera.

É também nessa região que ficava o antigo hipódromo da cidade que funcionou até 1941, data da transferência do Jockey Clube para a Cidade Jardim. No local do Prado onde corriam cavalos, hoje se encontram o Parque da Mooca e sua subprefeitura. Onde eram as cocheiras, foi erguido o ‘Motel do Cowboy’, talvez fazendo alusão à antiga ocupação do espaço.

O campo de futebol onde treinava o Esporte Clube Dalmácia, time fundado em 16 de março de 1932, oficialmente registrado na Federação Paulista de Futebol, ficava na rua Taquari, bem próximo da igreja de São Miguel Arcanjo. Hoje, deu lugar a um estacionamento.

O Largo Ubirajara é um dos pontos conhecidos da comunidade dálmata, onde, em bares que não existem mais, os primeiros imigrantes se encontravam após o trabalho para beber e conversar. Pudemos apurar que a estátua do índio Ubirajara que lá se encontra, veio transferida da Avenida Paulista, em homenagem ao índio. Contudo, o nome do largo nada tem a ver com indígenas brasileiros, já que alude, sim, a um rico empresário de origem armênia de nome *Ubirajara*, um benfeitor da região, segundo relatos de antigos descendentes.

No Largo São José do Belém está a Igreja de São José do Belém, onde se dava o maior número de casamentos, batizados e missas de sétimo dia da comunidade dálmata. Ao lado dela está a escola onde muitos dálmatas estudaram, o Colégio Amadeu Amaral, que ainda preserva a arquitetura dos anos 1930.

Na Igreja de São Paulo Apóstolo, na rua Tobias Barretos, de construção datada do fim do anos 1930 (consta que motivada pela presença dálmata na área) existe uma imagem da padroeira de Blato, Santa Vicença, doada pelos imigrantes dálmatas. Nessa igreja celebra-se ainda hoje, no dia 28 de abril, o dia de Santa Vicença, com grande presença de membros da comunidade croata-dálmata

É no Cemitério da Quarta Parada que estão sepultados grande parte dos imigrantes dálmatas. A relação dos dálmatas com a morte é um traço bastante peculiar de sua identidade cultural. Até hoje, visitar cemitérios em busca de nomes de parentes imigrados pelo mundo é seu hábito. Quando um descendente visita a aldeia de Blato, os locais fazem questão de mostrar-lhe os túmulos dos familiares que ficaram. Nas décadas de 1940, 1950 e 1960 ainda era possível encontrar nas casas de imigrantes dálmatas no Brasil, fotos vindas de Blato e Vela Luka mostrando seus parentes em caixões, bem como dos cortejos fúnebres, sempre acompanhados por banda de música.

O prédio do antigo Moinho Santista abriga hoje o SESC Belenzinho e a sede regional dos SESC São Paulo. Naquele moinho trabalharam muitos imigrantes dálmatas. Um deles costumava dizer que de um lado da rua, trabalhava-se duro para garantir o sustento da família e que o descanso estava no outro lado da rua, no cemitério da Quarta Parada.

A rua Padre Adelino também possui um importante ponto de encontro da comunidade dálmata, a pizzaria Ideal, que funciona até hoje no mesmo espaço. Os proprietários na década de 1950 até meados da década de 1960 eram Antun Bacic Kravosac e Petar Sardelić Titinkalo, imigrantes dálmatas. Hoje, a pizzaria pertence a outros donos, que mantiveram a tradição das saborosas pizzas.

O bairro da Mooca é conhecido pelas famosas cantinas e pizzarias italianas. É possível afirmar, com base nos relatos, que os italianos eram excelentes cozinheiros, mas quem construía as pizzarias e cantinas eram os dálmatas, devido a sua expertise na construção civil.

Por fim, na Rua Tobias Barreto, a mesma do SESC Belenzinho, está a Sociedade Amigos da Dalmácia, associação cultural fundada em 1959, construída pelos imigrantes de maioria dálmata, em regime de mutirão. Lá, é possível visitar a uma exposição permanente de fotos, documentos e objetos relativos à Croácia e também consultar livros, discos e filmes croatas desde o tempo da antiga Iugoslávia até os dias de hoje.

Além deste mapeamento do território dos dálmatas, está em andamento o projeto “Memória Dálmata”, que consiste na digitalização de todo o acervo documental relativo à imigração croata-dálmata para futura disponibilização no site da Sociedade Amigos da Dalmácia. Também estão previstas exposições fixas e itinerantes para maior circulação desse acervo. Este projeto conta com apoio de editais da República da Croácia, através do Escritório para Croatas Residentes Fora da Croácia, órgão do Ministério do Exterior Croata.

Um fato curioso é que andando pela cidade hoje é possível observar que os imigrantes mais recentes, vindos de países da África e do Haiti, acabaram ocupando as mesmas áreas que os imigrantes do início do século XX. Ou seja, podemos lançar um olhar sobre o passado e ainda ver seus reflexos no presente. E o futuro dependerá de como agiremos no acolhimento de suas necessidades, lembrando que todos já tivemos histórias parecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNEAU, Michel, Diasporas, transnational spaces and communities. In *Diaspora and Transnationalism, Concepts Theories and Methods*. IMISCOE Research. Amsterdam University Press, 2010.
- CAMARGO, Katia Gavranich, *Croácia – Cozinha e Memória Dálmata*, São Paulo, Editora Escrituras, 2014, p. 23.
- DORO, Norma Marinovic, *A Imigração Iugoslava no Brasil* (tese de doutorado), Universidade de São Paulo, 1987.
- LEWGOY, Bernardo José Guilherme Magnani & Lillian de Lucca Torres (org.), Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, DUSP/FAPESP, 1996, 319 p. *Rev. Antropol.* vol.40 n.2 São Paulo 1997. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000200009&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em mar. 2017.
- PUH, Milan, *A Croácia no Brasil – Histórias de uma Imigração*. Croatia Sacra Paulista, 2015.
- SANTILLI, Gabriel, Manuscrito endereçado à neta. São Paulo, 1979.
- ŠIŠEVIĆ, Ivo, “Kako su nasi iljenici putovali u Ameriku.” - In: *Pomorski zbornik*, knjiga 14, Rijeka, 1976, p. 434-449,
- TALAN, Nikica, *Hrvatska/Brazil (Ikulturno-pvijesne veze) Croácia/Brasil (relações culturais)*, edição bilíngue. Zagreb: Most/The Bridge, 1998.